

tema 1

POESIA, ORATURA, LITERATURA ORAL

tema # A PARTILHA DA ÁFRICA E CONFERÊNCIA DE BERLIM

A partilha da África

ALFAGALI; SOUZA; PREVITALLI (2018, p. 145-6)

A partilha da África ou roedura da África é o nome dado ao processo de ocupação, divisão e colonização do continente africano pelas potências europeias. Esse evento ocorreu de forma sistematizada e, muito embora houvesse conquistas anteriores, como, em 1830, a intervenção francesa na Argélia, até a década de 1870, somente 10% do continente havia sido ocupado pelos europeus. Já em 1914, no início da Primeira Guerra Mundial, quase 90% do continente estava sob ocupação europeia, com exceção da Etiópia, da Libéria e de parte do território Dervish (Somália).

Há uma tese erroneamente generalizada entre alguns historiadores que consiste em dizer que as potências europeias conquistaram a África a partir da Conferência de Berlim (1884-1885). Entretanto, essa ocupação não ocorreu por intermédio de um único evento, uma vez que tal intervenção foi feita de modo minuciosamente sistematizado, fazendo-se uso de recursos militares e econômicos, contando, inclusive, com o apoio de particulares e empresas, em vistas de interesses de mercado.

Parte da invasão do território africano também foi motivado pelo nacionalismo dos Estados europeus, fenômeno que fomentou guerras entre as próprias potências europeias, como as guerras decorrentes da unificação da Itália e da Alemanha, na década de 1870, ou a Guerra Franco-Prussiana, em 1871, finalizada com a vitória alemã. Nesse contexto, do final do século XIX, criava-se um olhar atento, por parte dos europeus, em relação à África e à Ásia, como se as terras localizadas nesses continentes de além-mar se constituíssem enquanto o palco em que as “grandes nações” iriam protagonizar as grandes “cenas históricas” (GIDE apud M'BOKOLO, 2011, p. 351).

A Europa acabou arrogando para si uma “missão civilizadora” em relação à África. A esse respeito, é ilustrativo o poema do escritor britânico Rudyard Kipling, O Fardo do Homem Branco (no original, White's Man Burden), que argumentava que caberia aos povos de “raças superiores” (os “brancos”) ajudar os povos de “raças inferiores” (“negros, asiáticos, ameríndios”) a se desenvolverem. Evidentemente, essas doutrinas raciais (estudadas na seção anterior) serviram de suporte para tais argumentos. Vejamos o poema de Kipling, publicado no Times, em fevereiro de 1899, que é sintomático do modo como, à época, os europeus viam os povos africanos e asiáticos.

A Conferência de Berlim, 1884-1885

A Conferência foi empreendida pelo chanceler alemão Otto von Bismarck e seu caráter inicial consistia em resolver três questões: a liberdade de comércio na bacia do Congo, a livre navegação dos rios Congo e Níger e “as formalidades a observar para que as ocupações posteriores nas costas da África pudessem ser consideradas efetivas” (M'BOKOLO, 2011, p. 358).

(ALFAGALI; SOUZA; PREVITALLI, 2018, p. 150-1)

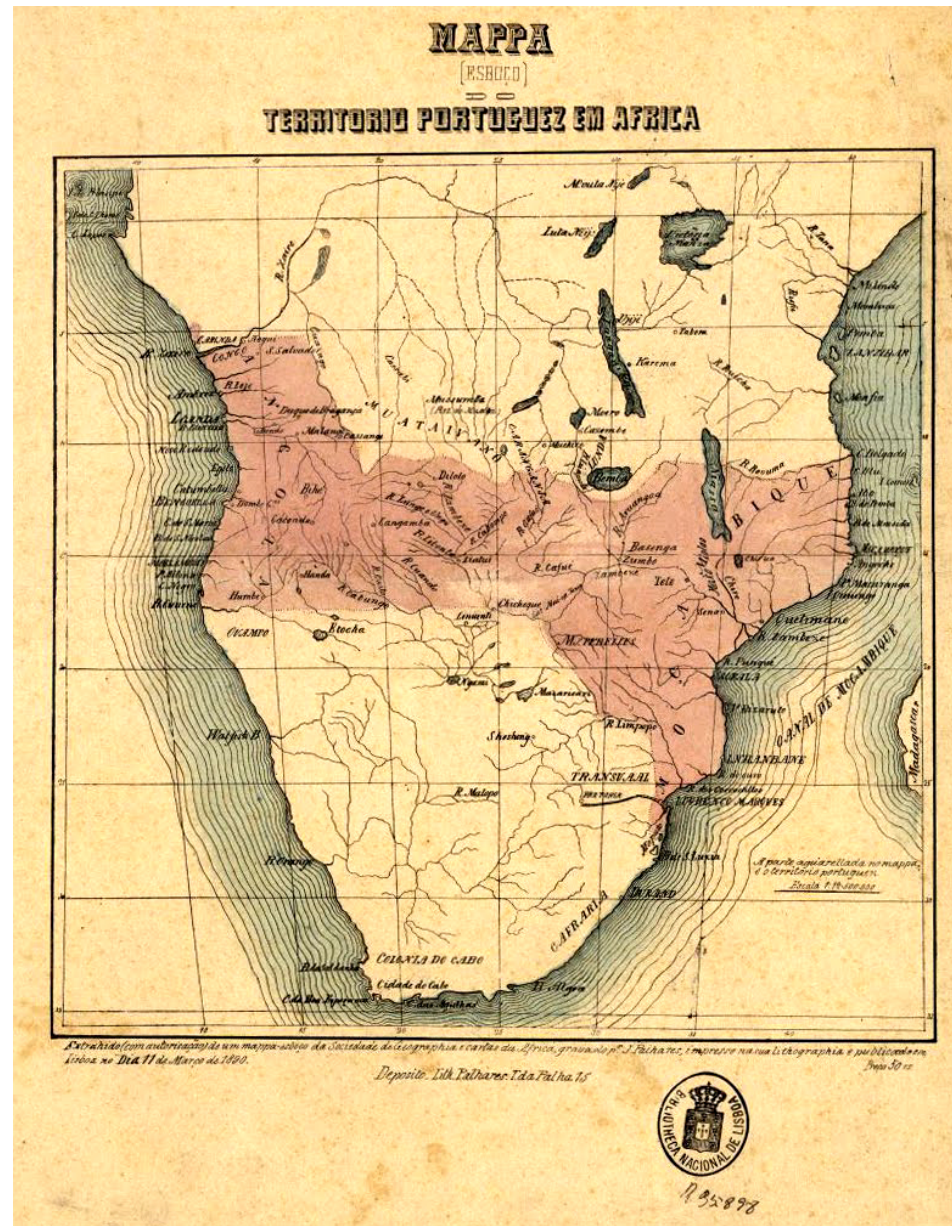
Portugal e o Mapa Cor-de-Rosa

Entre 1840 e 1880, o comércio português na África, segundo M'Bokolo (2011), passou de 3% para 10%, o que aumentou o interesse de particulares, como banqueiros, industriais têxteis e exportadores para empreitada colonial. Muitos empresários compraram terras de chefes locais, a partir de negociações escusas, como o que ocorreu na Guiné, em que um governador mestiço, Honório Pereira Barreto, entre 1837 e 1859, aumentou as posses portuguesas a partir da compra de terras.

Fenômeno similar ocorreu em São Tomé, em Cabo Verde e em Angola. A esse respeito é interessante a observação da historiadora portuguesa, Miriam Halpern Pereira (apud M'BOKOLO, 2011, p. 369): “A unidade da burguesia, desagregada pela independência do Brasil, iria refazer-se nos últimos anos do século XIX, em torno da expansão colonial africana”.

Portugal, com o intuito de criar o Império Ultramarino Português, foi uma das potências mais atuantes na Conferência de Berlim. Os portugueses se impuseram em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Essas nações foram as últimas a se tornarem independentes, cuja emancipação ocorreu em 1975, a partir de guerras extremamente violentas. Hoje, quando nos referimos a uma África lusófona, é a esses países que se fazem alusão, muito embora existam línguas de estruturas mais antigas do que o português em seus territórios, como o kikongo, o quimbundo e o lingala, idiomas falados em Angola e Congo.

(ALFAGALI; SOUZA; PREVITALLI, 2018, p. 153)



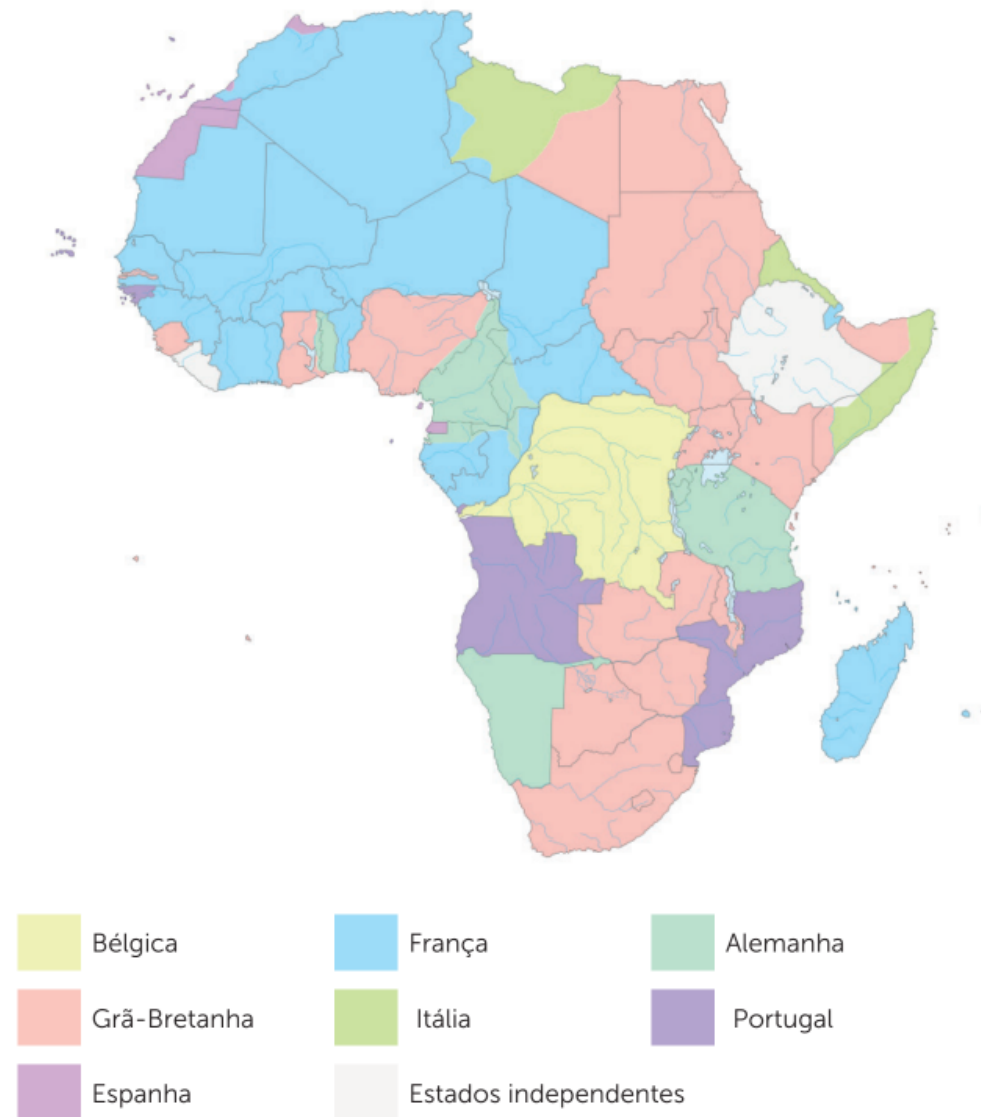
https://know.net/wp-content/uploads/2016/02/mapa_cor_de_rosa.jpg

Caminhos de alguns exploradores portugueses no fim do século XIX.

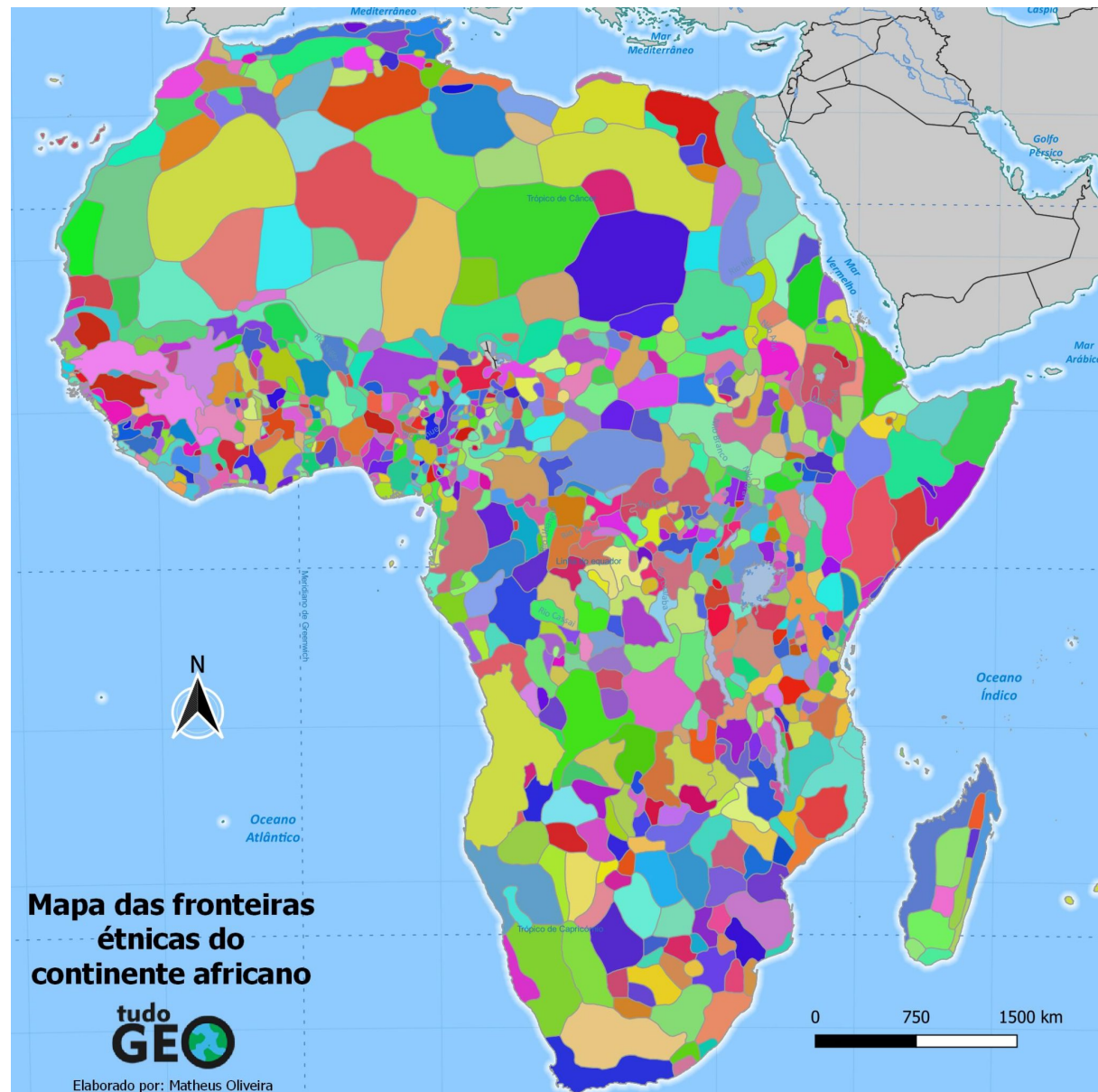


<https://aefreixo.pt/comunica/wp-content/uploads/2020/11/Captura-de-ecria%CC%83-2020-11-07-a%CC%80s-20.01.38.png>

Figura 3.4 | Mapa da África colonial, em 1913, às vésperas da Primeira Guerra Mundial



Fonte: <<http://trayectoria.com/one-world-naciones-online-pases-por-continente/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.



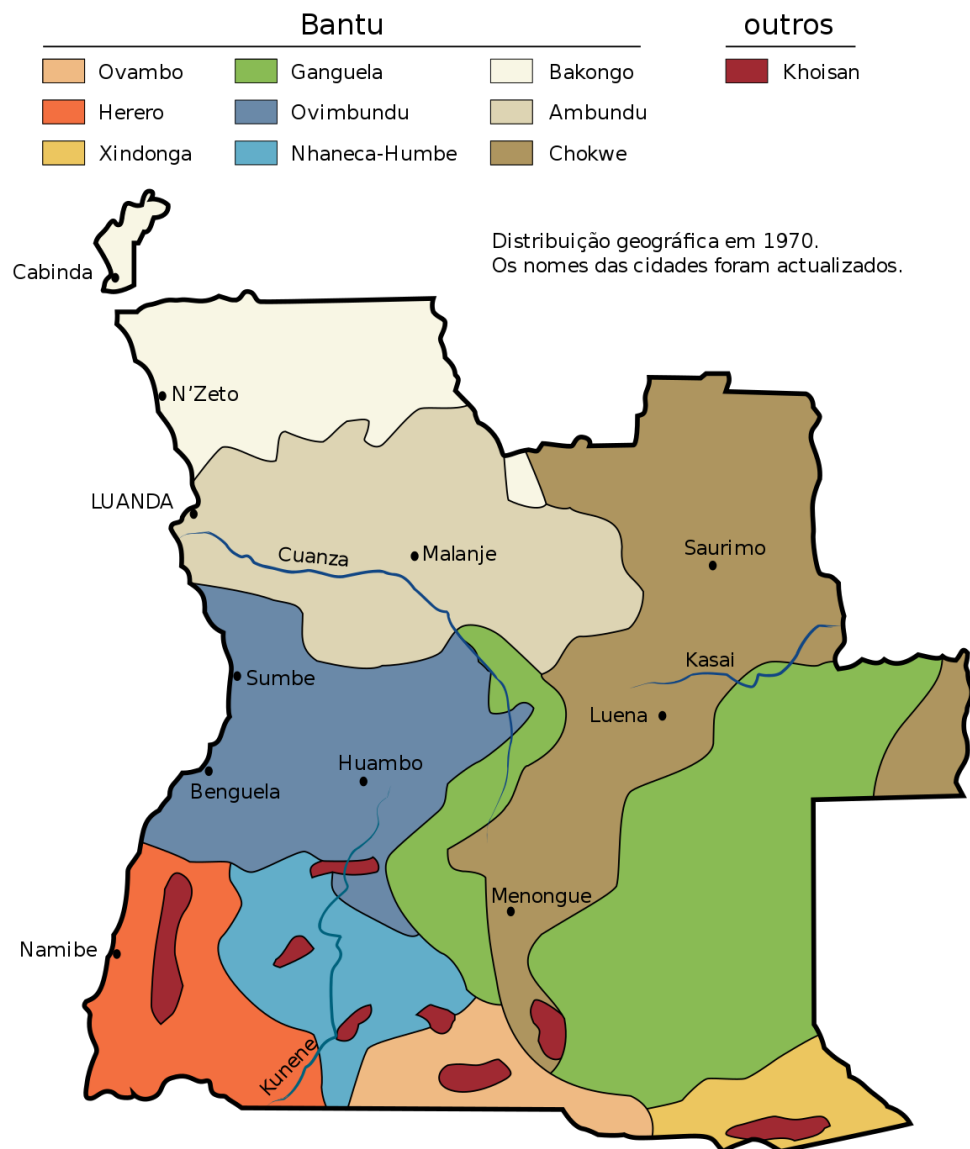
<https://www.tudogeo.com.br/wp-content/uploads/2019/02/mapa-africa-etnico-1.jpeg>

tema # HISTÓRIA RECENTE DE ANGOLA E CONTEXTO LITERÁRIO

[https://pt.mapsofworld.com/
maps/angola-mapa.jpg](https://pt.mapsofworld.com/maps/angola-mapa.jpg)



Grupos étnicos de Angola



https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/7/70/Angola_Ethnic_map_1970-pt.svg/1200px-Angola_Ethnic_map_1970-pt.svg.png

*Ovambo ou Cuanhama; Ovimbundo ou Umbundo; Nhyaneka-Humbe ou Nhianeca; Bakongo ou Quicongo; Ambundo, Quimbundo ou Mbundu; Chokwe ou Lunda-tchokwe.

61-74 Guerra Colonial Portuguesa

MPLA

Movimento Popular de Libertação de Angola
Agostinho Neto
(APOIO COMUNISTA) URSS - Cuba

FNLA

Frente Nacional de Libertação de Angola
Holden Roberto
(APOIO CAPITALISTA) China - África do Sul

UNITA

União Nacional para a Independência Total de Angola
Jonas Savimbi
(APOIO CAPITALISTA) África do Sul

75

Independência de Angola
MPLA - Assume o governo

76

A ONU reconhece o governo do MPLA

79

Morre Agostinho Neto

91

Acordo Bicasse

92

Eleições Gerais (multipartidárias)

Suplemento literário

Uma Fuga para a Infância - Mário António

Nas tardes de domingo
(cheirava a doce de coco e rebuçado)
os meninos brincavam
iam passear ao mar
até o Morro iam
ver a gente.

O menino ficou preso
quando cresceu.

E nas tardes de domingo
vozes vinham chamá-lo
vinham ecos de vozes
que lindas vozes o menino ouvia!

Mas o menino estava preso
e não saía...

Numa tarde de domingo
os outros meninos vieram chamar
o menino preso...
E foi nessa tarde de domingo
(cheirava a doce de coco e rebuçado)
que o menino fugiu para não voltar.

Carta - Alexandre Dáskalos

Jesus Cristo Jesus Cristo
Jesus Cristo, meu irmão
Sou fio dos pais da terra
Tenho corpo pra sofrer
Boca Para gritar
E comer o que comer
Os meus pés que vão
No chão
Minhas mãos são de trabalho
Em coisas que eu não sei
E não tenho nem apalpo
Trabalho que fica jeito
Para o branco me dizer
"Obra de preto sem jeito"

E minha cubata ficou
Aberta à chuva e ao vento
Vivo ali tão nu e pobre
Magrinho como o pirão

Meus fios saltam na rua
Joga o rapa sai ladrão
Preto ladrão sem imposto
Leva porrada nas mãos
Vai na rusga trabalhar
Se é da terra vai para o mar
Larga a lavra deixa os bois
Morre os bois ... e depois?
Se é caçador de palanca
Se é caçador de leão
Isso não faz mal nenhum
Lança as redes no mar
Não sai leão sai atum ...
Jesus Cristo Jesus Cristo
Jesus Cristo meu irmão
Sou fio dos pai da terra
Um pouco de coração
De coração e perdão
Jesus Cristo meu irmão.

Aspiração - Agostinho Neto

Ainda o meu canto dolente
e a minha tristeza
no Congo, na Geórgia, no Amazonas

Ainda
o meu sonho de batuque em noites de luar

ainda os meus braços
ainda os meus olhos
ainda os meus gritos

Ainda o dorso vergastado
o coração abandonado
a alma entregue à fé
ainda a dúvida

E sobre os meus cantos
os meus sonhos
os meus olhos
os meus gritos
sobre o meu mundo isolado
o tempo parado

Ainda o meu espírito
ainda o quissange

a marimba
a viola
o saxofone
ainda os meus ritmos de ritual orgíaco

Ainda a minha vida
oferecida à Vida
ainda o meu desejo

Ainda o meu sonho
o meu grito
o meu braço
a sustentar o meu Querer

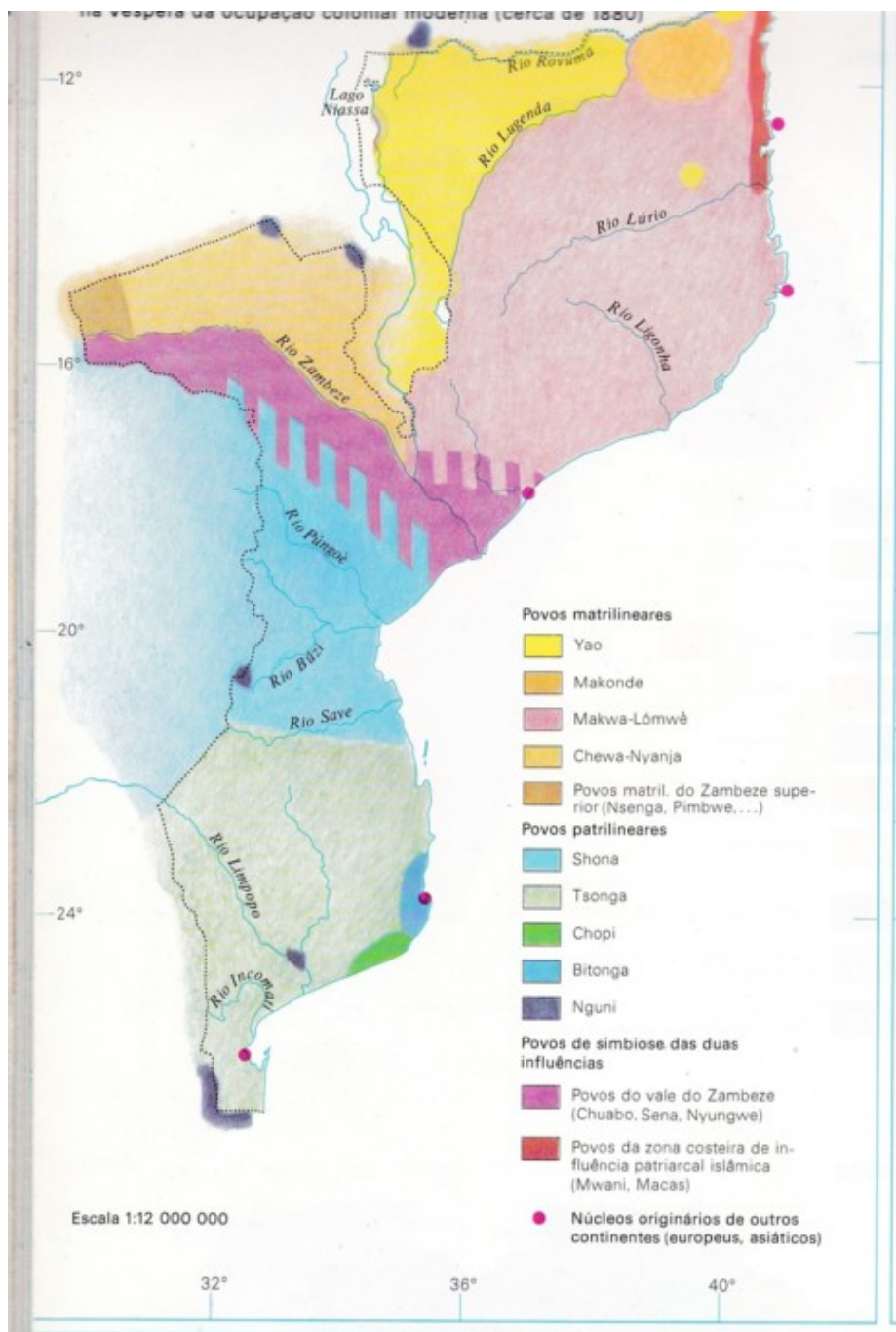
E nas sanzalas
nas casas
no subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde os negros murmuram: ainda

O meu desejo
transformado em força
inspirando as consciências desesperadas.

tema #
HISTÓRIA DE MOÇAMBIQUE
RECENTE E CONTEXTO LITERÁRIO

>
<https://pt.mapsofworld.com/maps/mozambique-mapa.jpg>





Yao, Makonde, Makwa-Lómwè, Chewa-Nyanja, Nsenga, Pimbwe

Shona, Tsonga, Chopi, Bitonga, Nguni
Chuabo, Sena, Nyungwe, Mwani, Macas

<

https://fotos.web.sapo.io/i/B091865cf/21523101_AmyQm.jpeg

60

Massacre de Mueda
Cabo Delgado - Base Beira

61-74 Guerra Colonial Portuguesa

64

Guerra em Moçambique

FRELIMO

Frente de Libertação de Moçambique
(APOIO SOVIÉTICO)
Eduardo Mondlane (até 75)
Samora Machel (até 86)

74

Acordos de Lusaka

75

INDEPENDÊNCIA - 25 de junho
Estabelecido o governo da FRELIMO

RENAMO

Resistência Nacional de Moçambique
(APOIO CAPITALISTA)

75-92

Guerra Civil

Renamo chega a controlar 50% do território

Ataques violentos - Dezenas de milhares de
militantes oposicionistas são mortos

Criação de Campos de Reeducação

Rombésia

Proposta da Renamo (norte) / República
independente
1 mi de mortos / 2 mi de refugiados

86

Morre Samora Machel
Joaquim Chissano

Governo transita de medidas socialistas para
capitalistas
Multipartidarismo
Livre mercado

1992

Acordo Geral de Paz

Suplemento literário

Grito Negro, José Craveirinha

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
e fazes-me tua mina, patrão.
Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão,
para te servir eternamente como força motriz
mas eternamente não, patrão.
Eu sou carvão
e tenho que arder sim;
queimar tudo com a força da minha combustão.
Eu sou carvão;
tenho que arder na exploração
arder até às cinzas da maldição
arder vivo como alcatrão, meu irmão,
até não ser mais a tua mina, patrão.
Eu sou carvão.
Tenho que arder
Queimar tudo com o fogo da minha combustão.
Sim!
Eu sou o teu carvão, patrão.

Guerra, José Craveirinha

aos que ficam
resta o recurso
de se vestirem de luto

.....

Ah, cidades
favos de pedra
macios amortecedores de bombas

Aforismo, José Craveirinha

Havia uma formiga
compartilhando comigo o isolamento
e comendo juntos.

Estávamos iguais
com duas diferenças:

Não era interrogada
e por descuido podiam pisá-la.

Mas aos dois intencionalmente
podiam por-nos de rastos
mas não podiam
ajoelhar-nos.

A minha dor, José Craveirinha

Dói
a mesmíssima angústia
nas almas dos nossos corpos
perto e à distância.
E o preto que gritou
é a dor que se não vendeu
nem na hora do sol perdido
nos muros da cadeia.

Poema, Noémia de Sousa

Bates-me e ameaças-me
Agora que levantei minha cabeça esclarecida
E gritei: “Basta!” (...) Condenas-me à escuridão eterna
Agora que minha alma de África se iluminou
E descobriu o ludíbrico E gritei, mil vezes gritei: “Basta!”.
Armas-me grades e queres crucificar-me
Agora que rasguei a venda cor-de-rosa
E gritei: “Basta!”

Condenas-me à escuridão eterna Agora que minha
alma de África se iluminou E descobriu o ludíbrico..
E gritei, mil vezes gritei: “Basta!”

Ô carrasco de olhos tortos,

De dentes afiados de antropófago
E brutas mãos de orango:

Vem com o teu cassetete e tuas ameaças,
Fecha-me em tuas grades e crucifixa-me,
Traz teus instrumentos de tortura
E amputa-me os membros, um a um...

Esvazia-me os olhos e condena-me à escuridão eterna... –
que eu, mais do que nunca,
Dos limos da alma,
Me erguerei lúcida, bramindo contra tudo:
Basta! Basta! Basta!

Naturalidade, Rui Knopfli

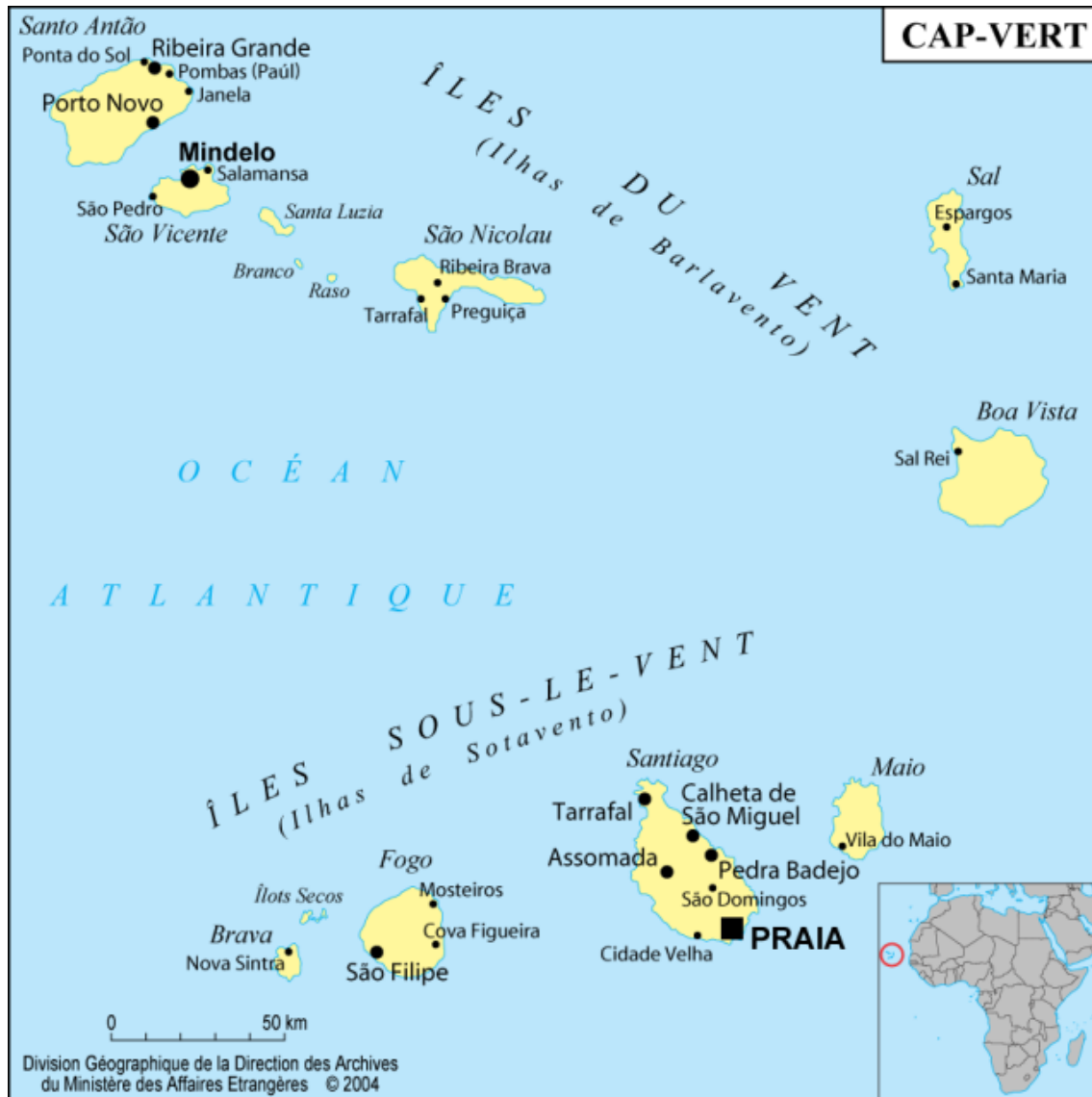
Europeu, me dizem.
Eivam-me de literatura e doutrina
europeias
e europeu me chamam.

Não sei se o que escrevo tem raiz de algum
pensamento europeu.
É provável... Não. É certo,
mas africano sou.
Pulsa-me o coração ao ritmo dolente
desta luz e deste quebranto.
Trago no sangue uma amplidão
de coordenadas geográficas e mar Índico.
Rosas não me dizem nada,
caso-me mais à agrura das micaias
e ao silêncio longo e roxo das tardes
com gritos de aves estranhas.

Chamais-me europeu? Pronto, calo-me.
Mas dentro de mim há savanas de aridez
e planuras sem fim
com longos rios languos e sinuosos,
uma fita de fumo vertical,
um negro e uma viola estalando.

tema 4

HISTÓRIA RECENTE DE CABO VERDE, SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE E GUINÉ-BISSAU E CONTEXTO LITERÁRIO



Cabo Verde

1460/2

Chegada dos portugueses e início do processo de colonização

Arquipélago com várias ilhas, sendo a de **Santiago** a mais desenvolvida economicamente. Capital **Praia**.

Ponto estratégico e entreposto de escravos. Economia organizada em torno do comércio escravocrata e de suprimentos para os transportes

1876

Abolição da escravidão (ilha de São Vicente em 1857). No entanto, acordos verbais deixava vulnerável o trabalhador

Miscigenação

200 anos de miscigenação intensa, país de maioria mestiça. Por isso, a divisão da sociedade parece ser mais de classe e menos racial - ideia equivocada de “democracia racial e social” (HERNANDEZ, 2005, p. 526-7)

Diáspora

Comum a emigração “forçada” ou “espontânea”, por conta das dificuldades encontradas na região

Pós-Segunda Guerra

Elites culturais começam a discutir possibilidade de independência e se alinhar às noções de direitos humanos no mundo

PAIGC

Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde

Amílcar Cabral

1959 Praia / 1960 Mindelo - Supraterritorial

Atividades culturais

“O estudo da história das lutas de libertação demonstra que são em geral precedidas por uma intensificação das manifestações culturais que se concretizam progressivamente por uma tentativa, vitoriosa ou não, da afirmação da personalidade cultural do povo dominado como acto de negação da cultura do opressor.

1973

Guiné se autoproclama independente e se nomeia **Guiné-Bissau**

1974

Acordo de Argel

Governo de transição

1975

Independência e autodeterminação de Cabo Verde
PAIGC e eleição da Assembleia Nacional Popular (ANP)

Continuidade da administração colonial junto com mudança de linha marxista

Planejamento econômico, nacionalização e socialização dos meios de produção, reforma agrária, monopólio da informação e controle das organizações de massa

1980

Cisma partidária gera o **Partido Africano para a Independência de Cabo Verde (PAICV)**

Havia também:

União Democrática Cabo-Verdiana (UDC)

União dos Povos das Ilhas de Cabo Verde (UPICV)

1991

Eleições multipartidárias

Atual

Partido Africano da Independência de Cabo Verde

Movimento para a Democracia

União Caboverdiana Independente e Democrática

Partido Popular

Crioulo Cabo-verdiano: <https://www.youtube.com/watch?v=Hin8RdZ1IJU>

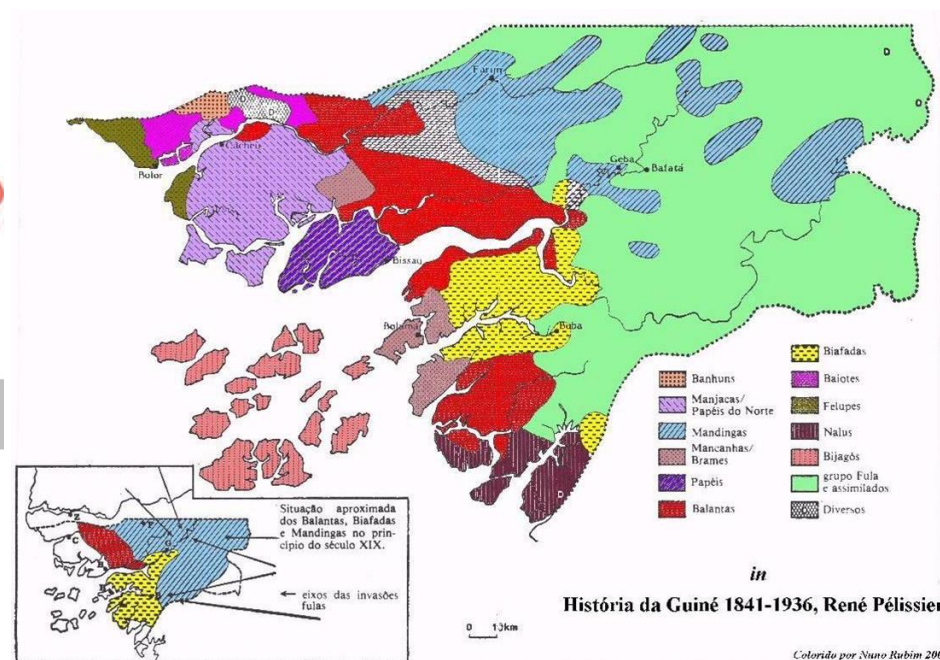
Música: Elida Almeida - Nta Konsigui

Crioulo: <https://www.youtube.com/watch?v=4xN0RxnqmXg>

Português: <https://www.youtube.com/watch?v=LNcNDCHL4fQ>

Guiné-Bissau

GUINEA-BISSAU



séc. XV

Compreendia muitos povos distintos: diulas, balantas, papéis, manjacos, banhus, beafadas, nalus, jagós, cocolis, padjadincas, maninkés, fulas

1890

Pertence a Cabo Verde até 1879, tornando-se província em 1890

1910

República

Liga Guineense (associação educativa) - grupo de pressão e de reivindicações

Movimentos

1956 PAIGC

Movimento Anti-Colonialista (MAC)

Frente Revolucionária Africana da Independência Nacional (Frain)

1961 (sucedeu a Frain) Conferência das Organizações de Libertação das Colônias Portuguesas (CONCP)

1961

PAIGC envia Carta Aberta ao Governo Português propondo negociar independência

A resposta é o recrudesimento da luta - insurreição

1964

PAIGC já tinha metade do território da Guiné

Congresso de Cassacá - decisões para Guiné e Cabo Verde

> Forças Armadas Revolucionárias do Povo

1966-71

60% do território

Ataques aos centros urbanos

Recrudesimento português, resposta das forças revolucionárias

1973

Assassinato de Amílcar Cabral

Assembleia Nacional Popular proclama UNILATERALMENTE a Independência

Estado da República da Guiné-Bissau

1974

26 de agosto - Portugal reconhece a independência

Atual

Partido para a Renovação Social (PRS) x PAIGC

Música: José Carlos Schwarz - Ke Ki Mininu Na Tchora

https://www.youtube.com/watch?v=36AX6Ra9_KU

São Tomé e Príncipe



Massacre de Batepá - contestação do sistema colonial

1960

Comitê de Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP)

Retomada de tradições - “invenção das tradições”

Movimento para a Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP)
Frente Popular Livre (sem expressão)

1975

Independência

Instabilidade causa êxodo de plantadores portugueses, afetando a economia

1979

Presidente Manuel Pinto da Costa causa cisão no MLSTP

Atual

MLSTP-PSD: Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe - Partido Social Democrata

ADI: Acção Democrática Independente

PCD-GR: Partido de Convergência Democrática - Grupo de Reflexão

MDFM: Movimento Democrático Força de Mudança (Partido criado por Fradique de Menezes)

Música: Bodon Culu - São Tomé e Príncipe

<https://www.youtube.com/watch?v=6bjjQHj2IC0>

edr

ESTUDO DIRIGIDO SOBRE ARTIGO

FIGUEIREDO, 2018